

Felicidade

John Zerzan

Título Original: Happiness

Autor: John Zerzan

Data de publicação: 2011

Fonte:

<https://www.johnzerzan.net/articles/happiness.html>

Tradução: *Patrícia Barbosa*

Revisão: *Claudia Mayer*

Desenho da capa: *Laura* (8 anos)

Diagramação: *Baderna James*

Versão A6:

Impressora Anarquista, Goiânia, 2021

Editora Monstro dos Mares

www.monstrodosmares.com.br

Publicado em Ponta Grossa, Janeiro de 2019.

Felicidade

A felicidade é realmente possível em um tempo de ruína? Podemos de alguma forma florescer, ter vidas completas? A alegria é mais compatível com a vida de hoje?

Uma profunda sensação de bem-estar tornou-se uma espécie em extinção. Quantas vezes alguém ouve “é bom estar aqui?” (MATEUS 17:4, LUCAS 9:5, LUCAS 9:33) ou a referência de Wordsworth ao “prazer que existe na própria vida”?¹ Grande parte da condição prevalecente e do dilema que ela coloca é expressa pela observação de

¹Quoted in John Cowper Powys, *The Art of Happiness* (New York: Simon and Schuster, 1935), p. 49.

Adorno: “Uma vida errada não pode ser vivida corretamente”.²

Nessa era, a felicidade, se não for obsoleta, é um teste, uma oportunidade. “Ser feliz é ser capaz de se tornar consciente de si mesmo sem ter medo”.³ Parece que estamos desesperados por felicidade, pois estantes de livros, salas de aconselhamento e talk shows promovem infinitas receitas de contentamento. Mas os “bem batidos”, os chatos “se sentir bem” de pessoas como Oprah, Eckhart Tolle e Dalai Lama parecem funcionar, assim como o Happy Meal (refeição feliz), o Happy Hour (hora feliz) ou o convite da Coca-Cola para “Pour Happiness!” (emanar a felicidade!).

Acabou o otimismo superficial do passado, tal como foi. O evangelho obrigatório da felicidade está em farrapos. Como Helene Cixous

²Theodor Adorno, *Minima Moralia* (London: MLB, 1974), #18, p. 39.

³Walter Benjamin, *One-Way Street and Other Writings* (London: NLB, 1979), p. 71.

colocou, “nós nascemos para a dificuldade em tirar prazer da ausência”.⁴ Sentimos apenas “um pouco de luz/ na grande escuridão”, citando Pound, que tomou emprestado de Dante.⁵

Como podemos explorar isso? O que é esperado re: felicidade? À luz de tudo o que está em seu caminho ou o corrói, a felicidade é, principalmente, um acidente fortuito?⁶

Muitas vezes, certamente, a felicidade é abordada em termos do que não é. O Declínio do Prazer, de Walter Kerr, começa assim: “Vou começar assumindo que você é tão infeliz quan-

⁴Hélène Cixous, *First Days of the Year* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998), p. 142

⁵Ezra Pound, *The Cantos of Ezra Pound* (New York: New Directions, 1972), #CXVI, p. 795.

⁶Its etymology is of interest in this regard. From hap (Greek): chance, fortune, as in happen. Our English word luck comes, in fact, from the German for happiness, Glück

to eu.”.⁷ “Somos uma sociedade de pessoas notoriamente infelizes”, de acordo com Erich Fromm.⁸ Mas não devemos sair por aí admitindo essa verdade fundamental sobre nós mesmos e a sociedade. Vários teóricos contemporâneos, a propósito, têm constantemente eliminado a noção do eu, redefinindo-o nada mais do que como uma intersecção de discursos mutáveis. Quando o eu é praticamente apagado, a “felicidade” não pode mais ser um tópico válido.

Mas nosso anseio pelo bem-estar não é tão fácil de ser anulado. Elisabeth Roudinesco fornece um julgamento plausível: “Quanto mais os ideais de felicidade e segurança são prometidos às pessoas, mais a sua infelicidade persiste, o já acentuado perfil de risco cresce e

⁷Walter Kerr, *The Decline of Pleasure* (New York: Touchstone, 1962), p. 1.

⁸Erich Fromm, *To Have or to Be?* (New York: Harper & Row, 1976), p. 5.

mais as vítimas de promessas não cumpridas se revoltam contra aqueles que as traíram”.⁹

Nesse mundo precário, felicidade e medo são estranhamente unidos. As pessoas estão com medo. “Eles estão com medo”, Adorno afirmou que “eles perderiam tudo, porque a única felicidade que eles conhecem, mesmo no pensamento, é ser capaz de se apegar a alguma coisa”.¹⁰ Esta condição contrasta qualitativamente com o que é conhecido de muitas pessoas não-domesticadas: a falta de medo, a confiança no mundo que habitam.

A nação do Butão, no Himalaia, atraiu muita atenção, no meio da primeira década deste século, pelo seu conceito de Felicidade Nacional Bruta: a decisão de medir a qualidade de sua

⁹Elisabeth Roudinesco, *Philosophy in Turbulent Times*: Canquilha, Sartre, Foucault, Deleuze, Derrida (New York: Columbia University Press, 2008), p. xii.

¹⁰Theodor Adorno, *Negative Dialectics* (New York: The Seabury Press, 1973), p. 33.

sociedade, não pela produção industrial (Produto Interno Bruto), mas em termos da felicidade de seus cidadãos. Aparentemente, no entanto, o Butão rapidamente perdeu o caráter um tanto isolado de sua cultura, o que estimulou a ideia da GNH, em primeiro lugar. Inundada pela cultura pop, a consciência das celebridades, os modismos do consumidor e o resto de uma modernidade globalizada, a ênfase na felicidade como valor nacional desapareceu.

A sociedade de massa restringe a “felicidade” às esferas do consumo e da distração em grande medida. No entanto, a felicidade continua sendo uma experiência de plenitude, em vez de esforços seriamente equivocados para preencher o vazio. Muitos estudos mostram que os níveis de felicidade caem com o aumento de acumulação de riqueza.¹¹ Ao nos afastarmos da natureza, nos tornamos insensíveis à sua completude e nos aproximamos dela como outro objeto passivo a ser consumido.

¹¹Jeremy Rifkin, *The Empathic Civilization* (New York: Penguin, 2009), p. 498.

Existe uma verdade da felicidade, em cuja base a felicidade não pode ser julgada? A felicidade é tão abrangente quanto imediata. Tem muitas facetas e manifestações. É elementar e potente; como a saúde, a felicidade é contagiante e gera esperança nos outros. A felicidade tem a ver com toda reação à vida, e só por isso é pessoal e misteriosa.

O filósofo Wittgenstein tinha um temperamento áspero e pessimista e experimentou sua parcela de intensa angústia. Seu retrato parece o de um homem infeliz, e, ainda, seu biógrafo, Norman Malcolm relata que suas últimas palavras foram: “Diga-lhes que tive uma vida maravilhosa”.¹² A breve vida de John Keats foi ofuscada pela doença, mas ele frequentemente alegou que as coisas são lindas *porque* morrem. As fontes de felicidade estão em várias esferas de nossas vidas, mas, caracteristicamente, elas

¹²Norman Malcolm, *Ludwig Wittgenstein: A Memoir* (Oxford: Oxford University Press, 1958), p. 106.

não são tão separadas. A vida humana nunca foi vivida em isolamento, por isso buscamos experiências que são mais do que apenas significativas para nós mesmos. O *insight* de Vivasvan Soni diz muito: “Nenhuma parte da vida pode ser colocada entre colchetes como irrelevante para a felicidade. Toda a vida conta infinitamente. Não há tragédia maior do que a infelicidade, e não há responsabilidade maior para nós do que a felicidade.”¹³

Na minha experiência, a pedra angular da felicidade é o amor. Aqui está a dimensão onde encontramos a maior satisfação. Frantz Fanon, mais conhecido por seu trabalho sobre outros assuntos, subscreveu um padrão de “amor autêntico – desejando para os outros o que se pos-

¹³Vivasvan Soni, *Mourning Happiness: Narrative and the Politics of Modernity* (Ithaca: Cornell University Press, 2010), p. 494.

tula para si mesmo”.¹⁴ Há outras satisfações, mas elas combinam com a qualidade satisfatória e enriquecedora das relações amorosas? Se uma criança tem amor e proteção, existe a base para a felicidade ao longo da vida. Se nenhum dos dois é fornecido, as chances deles ou delas são muito limitadas. Se for para ser dado apenas um deles, acho que o amor supera até mesmo a proteção ou a segurança, em termos das chances de felicidade.

Alguns discordaram quanto a centralidade do amor. Nietzsche e Sartre parecem ter visto o amor como algo confinador, fechando as prerrogativas. Aquele mestre sem sangue da ironia barata, E. Cioran fornece esta pequena meditação: “Penso naquele imperador querido ao meu coração, Tibério, por sua amargura e ferocidade... Eu o amo porque seu *vizinho* lhe parecia

¹⁴Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks*, translated by Charles Lam Markmann (New York: Grove Press, 1967), p. 41.

inconcebível. Eu o amo porque ele não amava ninguém.”¹⁵

Como seria uma história da felicidade? Uma vez que a felicidade era um foco central do pensamento no Ocidente. A ética a Nicômaco, de Aristóteles, por exemplo, é um dos principais discursos sobre o assunto. Epicuro passou a vida enfrentando a questão de como alcançar a felicidade, despertando a ira de nosso amigo moderno, Cioran. Este se referiu aos escritos de Epicuro como uma “pilha de compostagem”, citando-o como indicativo do falso caminho que ocorre “quando o problema da felicidade suplanta o conhecimento”.¹⁶

Muito mais tarde, o relato Cartesiano das emoções, portanto, como tantas sensações entram em cena e Voltaire (1694 – 1778) foi o último escritor feliz, de acordo com Roland

¹⁵E.M. Cioran, *The Temptation to Exist* (New York: Quadrangle, 1968), p. 200.

¹⁶*Ibid.*, pp 168-169.

Barthes. O século 18 viu um dilúvio do escrever sobre a felicidade, principalmente focado no bem-estar privado. Uma despolitização profunda do que significava a felicidade estava acontecendo, às vésperas da sociedade de massa. Kant tipificou essa tendência, ligando – e igualando – a moralidade, orientada para o dever com a felicidade.

O novo século exibiu a ênfase romântica na alegria, e não na felicidade (Blake, Wordsworth, et al.) com forte conotação de alegria como aquilo que é passageiro. De fato, transitório foi o hino a um futuro esperançoso, expresso na Nona Sinfonia de Beethoven, em particular seu movimento final, baseado na “Ode à alegria”, de Schiller. O trabalho foi justamente denominado de a última música séria expressando felicidade/alegria. Como a vida industrial começou a se espalhar, não pode ser que Hegel tenha visto a história humana como o registro do infortúnio irredimível.

O trabalho assalariado moderno e a teorização de contratos sociais políticos (Rousseau, a

Constituição dos EUA, etc.) legitimaram a busca da felicidade privada. Na esfera pública, a questão da felicidade geral foi subestimada. Recompensa tornou-se o nome do jogo. Para Hegel, propriedade e personalidade eram quase sinônimos. Marx associou a felicidade à satisfação de interesses, apenas.

O sentimentalismo era uma faceta importante do ethos cultural do século 19: o quadro emocional subjacente da comunidade perdida. Uma sociedade fragmentada e anônima, praticamente abandonada à meta da felicidade generalizada. O primitivo utilitarismo vitoriano de John Stuart Mill – menos bruto do que o de seu fundador, Bentham – pelo menos, não reconheceu o empobrecimento da época. Mill foi o último filósofo da felicidade social.

Jean-François Lyotard colocou “a retirada do real” no centro da experiência da modernida-

de.¹⁷ Estamos perdendo os referentes, as coisas reais, perdemos o contato do que é sentido com o que não é simulado. Como poderia a felicidade não diminuir no pacto? Ele declinou; a ascensão da tecnocultura é a descida da felicidade.¹⁸ O enfadonho frenético tecnológico de hoje mantém-se ainda mais afundado, com vários efeitos patológicos. Mas nossa busca permanece o que era para Spinoza: a busca pela felicidade, com a realidade de nossos corpos, em um mundo real e corpóreo.

Na década de 1890, Anton Chekhov visitou a Ilha de Sakhalin, com seus caçadores-coletores Gilyak. Ele observou que eles ainda não tinham conseguido lidar com estradas. “Muitas vezes” observou ele “você vai vê-los... abrindo caminho

¹⁷Jean-François Lyotard, *The Postmodern Condition: a Report on Knowledge* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984), p. 79.

¹⁸Albert Borgmann, *Technology and the Character of Contemporary Life* (Chicago: University of Chicago Press, 1984), pp 124, 130.

em fila única pelos pântanos, ao lado da estrada”.¹⁹ Eles estavam sempre em algum lugar e não estavam interessados em estar em nenhum lugar, na estrada do industrialismo. Eles ainda não haviam perdido a singularidade do presente, que a tecnologia tira. Com nossa diminuição de atenção, resumindo, a superficialidade do pensamento e a sede de diversões, o quanto estamos realmente no mundo? O eu desencarnado torna-se cada vez mais desvinculado da realidade, incluindo a realidade emocional.

Ansiedade substituiu a felicidade como a sensação mais marcante, agora que a comunidade está ausente.²⁰ Nós não confiamos mais

¹⁹Quoted and discussed in Timothy Taylor, *The Artificial Age* (New York: Palgrave MacMillan, 2010), p. 192.

²⁰Peter LaFrenière, *Adaptive Origins: Evolution and Human Development* (New York: Psychology Press, 2010), pp 288, 296-297. Also Patricia Pearson, *A Brief History of Anxiety...Yours and Mine* (New York: Bloomsbury, 2008).

em nossos instintos. Mantendo uma grande distância dos ritmos da natureza e experiências primárias dos sentidos em sua concretude íntima, os “pensadores” líderes frequentemente consagram ou defendem esse estado infeliz e desencarnado. Alain Badiou, por exemplo, concorda com Kant que a verdade e a saúde geral são “independentes da animalidade e de todo o mundo dos sentidos”.²¹

Mas o que é abstrato sobre a felicidade? Seus estados estão completos a cada momento – cada momento corporificado. “Cada felicidade vem pela primeira vez”, como Levinas percebeu.²² Czeslaw Milosz descreveu sua infância feliz: “Eu vivi sem ontem nem amanhã, no eterno presente. Ou seja, precisamente, a defi-

²¹Quoted in Peter Hallward, translator's introduction to *Alain Badiou, Ethics: an essay on the understanding of evil* (New York: Verso, 2001), p. xxi.

²²Emmanuel Levinas, *Totality and Infinity* (Pittsburgh: Duquesne University Press, 1998), p. 114.

nição de felicidade”.²³ A ironia e o distanciamento pós-modernos, com seus alicerces de abraçar a tecnoesfera, constituem mais um meio de nos arrancar do momento presente.

Um desejo humano mais básico é pertencer, experimentar a união com algo diferente de si mesmo. Bruno Bettelheim descreveu um sentimento, engendrado em seu caso pela grande arte “de estar em sintonia com o universo... [de] todas as necessidades satisfeitas. Senti como se estivesse em contato – em comunicação com o passado do homem e conectado com seu futuro”.²⁴ Ele associou isso com “o sentimento oceânico” de Freud, a sensação de “um laço indisso-

²³Czeslaw Milosz, *Proud to be a Mammal: Essays on War, Faith and Memory* (New York: Penguin Classics, 2010), p. 80.

²⁴Bruno Bettelheim, *Freud's Vienna and Other Essays* (New York: Alfred A. Knopf, 1990), p. 115.

lúvel, de ser um com o mundo externo como um todo”.²⁵

Acho plausível ver isso como vestigial – como uma ligação visceral e sobrevivente a uma situação anterior. Há uma grande quantidade de literatura antropológica/ etnológica que descreve os povos indígenas que vivem em união com o mundo natural e entre si. A sobrevivência em si exigia uma ausência de fronteiras entre os mundos interno e externo. Nossa sobrevivência final exige que recuperemos essa unidade. Às vezes ainda sentimos um retorno a esse estado unificado. Muitas vezes, em aconselhamento psicológico, há uma busca por um tempo na infância, quando se era saudável e feliz. Indiscutivelmente, para aplicar a tese da “ontogenia recapitula a filogenia” cada um de nós reencena a história maior da humanidade.

²⁵Sigmund Freud, *Civilization and its Discontents*, translated by James Strachey (New York: W.W. Norton, 1962), p. 12.

A designação de T.S. Eliot de nosso retorno é “através da porta desconhecida, recordada”.²⁶

Freud contrapôs civilização e felicidade porque a civilização (domesticação, mais precisamente) é “baseada no trabalho compulsório e na renúncia instintual”.²⁷ “Ter que lutar contra os instintos é a fórmula da decadência; enquanto a vida estiver ascendendo, a felicidade e o instinto são uma coisa só”, observou Nietzsche.²⁸

A internalização e a universalização dessa renúncia à liberdade são o que Freud chamou de sublimação. Como Norman O. Brown viu, a sublimação “pressupõe e perpetua a perda da vida e não pode ser o modo em que a vida é

²⁶T.S. Eliot, "Little Gidding," in *Collected Poems 1909-1962* (New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1963), p. 208.

²⁷Sigmund Freud, *The Future of an Illusion*, translated by James Strachey (New York: W.W. Norton, 1961), p. 12.

²⁸Friedrich Nietzsche, *Unmodern Observations*, William Arrowsmith, ed. (New Haven: Yale University Press, 1990), p. xv.

vivida”.²⁹ O próprio progresso da civilização requer uma medida ainda maior de renúncia e uma ainda maior circunstância que nos separa a nós mesmos do nosso ambiente. E, no entanto, o “sentimento oceânico” ainda pode ser poderosamente sentido, lembrando o estado anterior do ser. Quanto mais fresca a vida, mais vivida e mais valorizada, a vida pode ser sentida depois de uma doença grave; isso pode acontecer, com a nossa recuperação da doença que chamamos de civilização.

Mas aqui estamos agora, muito longe de qualquer plenitude ou plenitude original. E o “horror” no julgamento de Adorno, “é que pela primeira vez vivemos em um mundo no qual não podemos mais imaginar um mundo melhor”.³⁰ No momento, o único contexto feliz é o

²⁹ Norman O. Brown, *Life Against Death: The Psychoanalytic Meaning of History* (New York: Vintage Books, 1959), p. 171.

³⁰ Theodor Adorno and Max Horkheimer, "Dialogue," *NLR* September/October 2010, p. 61.

imaginário, ou, pelo menos, a felicidade alcançada em expressar a verdade sobre a infelicidade. Nas palavras sinceras de Milosz: “Parece que todos os seres humanos devem cair nos braços um do outro, gritando que não podem viver...”³¹

O objetivo da vida é vivê-la fortemente, estar totalmente desperto. Este objetivo colide com um novo mal-estar da civilização, um sentido de Fim dos Tempos de tudo, um cenário cultural “pós-” o que você quiser. Uma sensação de impotência promovida em grande parte pela doutrina pós-moderna de ambiguidade e ambivalência.

A felicidade implica a recusa da condição de “corpos dóceis” de Foucault, a insistência em ser vívida e não domesticada, a determinação de viver como “bárbaros” que resistem à falta de liberdade e ao entorpecimento da civilização. Um instinto nos diz que há algo diferente, por mais distante que pareça; nós sabemos que nas-

³¹ Czeslaw Milosz, *op.cit.*, p. 296.

ceus para algo melhor. A realidade da profunda infelicidade é a lembrança desse instinto, que vive e luta para ser ouvido. A história da felicidade não precisava se desdobrar da forma como aconteceu.

Em nossas próprias vidas somos muito sortudos por termos a sensação de ser abençoados, ter um pouco de alegria, um senso de valor. Por ter um certo espanto de estarmos aqui. Para nós mesmos, significado e felicidade estão sempre entrelaçados. Felicidade é fundamentada em significado; uma vida de significado é o sentido da vida. “Para a felicidade, o mesmo se aplica à verdade: a pessoa não a tem, mas está nela”, na formulação incisiva de Adorno.³²

Ele também disse: “A filosofia existe para resgatar o que você vê no olhar de um animal”.³³ “Para me encontrar face a face”, nas

³²Theodor Adorno, *Minima Moralia*, op.cit., #72, p. 112.

³³Adorno and Horkheimer, "*Dialogue*," op.cit., p. 51.

palavras de Thoreau.³⁴ Realizar-nos em nossas capacidades distintamente humanas dentro do que é possível (ou seja, não nos culparmos pelos limites impostos a nós). E para encontrar a força para falar o não dito. A infelicidade não é o resultado da compreensão da profundidade real de nossa situação; na verdade, esse entendimento pode ser libertador, fortalecedor. Pode levar a algo que dificilmente poderia ser mais importante: a busca de objetividade e imediatismo no mundo real. O projeto de confrontar a própria natureza de nossa infelicidade domesticada, civilizada e cheia de tecnologia.

³⁴Henry David Thoreau, *Journal* (Toronto: Dover Publications, 1962), p. 51.

A felicidade é realmente possível em um tempo de ruína? Podemos de alguma forma florescer, ter vidas completas? A alegria é mais compatível com a vida de hoje?

CONTRACIV, 2016
CONTRACIV@RISEUP.NET
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG

